



umanitas

72

no seu tratamento por dois autores diferentes, que se complementam na sua especificidade própria, uma historiadora e um classicista, reputados professores da Universidade de Coimbra. Uma mais valia a acrescentar ao seu reconhecido mérito.

O interesse deste volume abrange tanto os especialistas como o leitor comum.

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

ncastrosoares@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5555-2564>

[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_72\\_8](https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_8)

GONZÁLEZ PONCE, F. J., GÓMEZ ESPELOSÍN, F. J. y CHÁVEZ REINO, A. L. (eds.), *La letra y la carta. Descripción verbal y representación gráfica en los diseños terrestres grecolatinos. Estudios en honor de Pietro Janni*, Sevilla, Universidad de Sevilla. Universidad de Alcalá, Monografías de GAHIA 1, 2016, 376 pp. ISBN: 978-84-472-1835-6.

Recensão submetida a 11-01-2018 e aprovada a 12-03-2018

O volume de homenagem ao Prof. Pietro Janni surge numa época em que se renovam os estudos sobre a geografia antiga. A obra, cuja edição foi encargo das universidades de Sevilha e de Alcalá de Henares, tem sóbrio aspeto gráfico, resultando de um projeto de I&D desenvolvido pelos coordenadores do volume, o primeiro de uma série tutelada pela recentemente criada rede internacional de investigadores GAHIA (*Geography and Historiography in Antiquity*). Conta com contributos de 18 autores, representando maioritariamente instituições universitárias de Espanha, França, Itália, Alemanha, Estados Unidos da América, Israel e Federação Russa, utilizando cinco línguas como meio de expressão, o que me parece um exemplo de como se podem editar projetos internacionais sem recorrer obrigatoriamente à língua inglesa, reservando um lugar destacado a três línguas latinas, castelhano, francês e italiano. O volume divide-se em quatro secções bem definidas: I – *Letra vs. carta: presupuestos básicos*; II

– *Tensión letra- carta en la literatura grecorromana*; III – *Otros testimonios extraliterarios*; IV – *La tradición clásica*. Precede estas secções um perfil biográfico do homenageado, da autoria de Francesco Frontera (p.xvii-xix), terminando o volume com diversos índices (p. 337-376), particularmente úteis para o leitor interessado em encontrar rapidamente topónimos ou antropónimos, ou verificar a sua ausência.

A ilustração da capa mostra um pormenor de um manuscrito grego (Palatinus Gr. 398, f. 77 r), no qual se vê o curso do rio Tibre, a cadeia dos Apeninos e o litoral adriático, exemplificando bem o casamento entre texto e representação figurada, mais ou menos simbólica, tão frequentemente evocada ao longo da obra. Dito isto, passo à análise dos artigos que a compõem, naturalmente de forma sintética. Geralmente interessante, o volume obriga a uma leitura concentrada, nem sempre transparente para os leitores menos habituados aos meandros da geografia antiga, aqui globalmente considerada mais interessada no texto, de acordo com a interpretação do Prof. Janni numa óptica hodológica, que na representação cartográfica, subordinada àquele.

O primeiro texto, *Karte und Text: Zwei Wege der Repräsentation des Raums*, da autoria de Alexander Podossinov, desenvolve uma comparação interessante com outras áreas culturais, sublinhando o desenvolvimento de uma conceção mental do espaço, a partir da experiência da viagem e dos itinerários, visível na elaboração de roteiros enumerando as várias estações ou jornadas de uma viagem. A Tábua de Peutinger teria resultado da transposição cartográfica de um documento desse tipo, sem preocupação de escala, talvez destinado a servir a propaganda imperial. Devo recordar que, mesmo admitindo a raridade dos mapas antigos conhecidos, tal facto não permite afirmar a sua quase inexistência. Ninguém duvida da realidade das vias romanas, comprovadas materialmente embora os escritos técnicos sobre a construção das mesmas sejam praticamente desconhecidos.

O segundo artigo, *Démocédès de Crotonè, l'apographé et la genèse du périple*, da autoria de Didier Marcotte, explica a origem dos périplos a partir de inventários de tipo administrativo, interessados na definição dos contornos territoriais, como o levantamento efetuado para Dario por Democedes, antes da invasão da Grécia, como nos relata Heródoto. Enumerando distâncias marítimas costeiras, o modelo inspirou quer os périplos, quer outras aplicações, terrestres, testemunhadas no mundo grego e helenístico, sem esquecer que, como documento administrativo, passou

aos *gromatici* romanos, delineando cadastros territoriais, como no caso lusitano de *Salmantica* (Salamanca)<sup>1</sup>.

O terceiro artigo, de Roberto Nicolai, intitulado *La tragedia e i confini del mondo. Limiti geografici e limite linguistici* ocupa-se do valor simbólico de uma geografia exótica, opondo o espaço dos homens ao espaço natural, oceanos, montanhas, sublinhando uma perfeita separação entre o ambiente dos vivos, dos mortos e dos deuses. É interessante a referência às Ilhas Afortunadas, que o conhecimento do mundo foi deslocando para Ocidente<sup>2</sup>, seguindo o curso das viagens até Cabo Verde. Encontramos neste artigo todo o material clássico dos mundos fantásticos e a procura dos limites da *oikoumene*, problema em aberto durante muitos séculos.

No artigo seguinte, *Le Amazoni e la geografia della conquista da Alessandro a Pompeo*, da autoria de Serena Bianchetti, voltamos a encontrar o debate entre mito e realidade, agora a propósito das Amazonas, fortemente presentes na cultura grega, como se deduz do facto de a *Amazonomaquia* ter um lugar nos frisos do Partenon ateniense. A autora sublinha o valor do mito como elemento de uma ideologia de expansão e de poder, sem esquecer que a realidade do mesmo era já contestada na Antiguidade, o que não limita, o uso do imaginário mítico e do passado, como suporte ideológico, tal como hoje.

Francisco Gómez Espelósín, um dos editores da homenagem ao Prof. Janni, brindou-nos com um artigo que sugere algumas interpretações novas quanto à concepção espacial do Império de Alexandre, artigo intitulado *Del Hifasis a Opis. La percepción geográfica del Imperio de Alejandro*. A conquista do Império Persa, enorme aglomerado de povos e culturas diversas, autêntica síntese da Antiguidade Oriental, como considerou Sabatino Moscati<sup>3</sup>, alargou o conhecimento grego do Oriente, mas suscitou problemas de integração dos novos dados geográficos, sobretudo sobre a questão dos limites. O autor sugere, creio que com razão, distinguir entre a visão geográfica das conquistas e da sua possível fusão, por parte de Alexandre, e a percepção do mesmo por parte dos agentes da mesma, baseada sobretudo na experiência das regiões percorridas, falhos de uma visão de conjunto, visão cuja fundação de numerosas Alexandrias parece apoiar.

---

<sup>1</sup> Frontin, *L'oeuvre gromatique*, M. Clavel-Lévêque (ed.), Corpus Agrimensorum Romanorum, IV, Luxemburgo, 1998: 4-7.

<sup>2</sup> M. H. Rocha Pereira, *O jardim das Hespérides*, Estudos Sobre a Grécia Antiga, Coimbra, 2014: 25 -35.

<sup>3</sup> Sabatino Moscati, *L'Orient avant les Grecs*, Paris, 1963: 307-330.

O artigo seguinte, de Luciano Canfora, *Simonidis cartografo e riscopritore della pittura sacra atonita*, aborda um problema hoje no centro dos estudos de cartografia antiga, a autenticidade do chamado Papiro de Artemidoro. Com convincentes argumentos o autor defende a atribuição do polémico documento ao falsário do século XIX Constantino Simonidis, elaborado em parte sobre documentação obtida num dos mosteiros do Monte Athos, como o manual de pintura de Dionísio da Furna<sup>4</sup>. Canfora realça ainda o quanto há de contraditório e de indecifrável no mapa, cujas diversas interpretações chegam a identificar a mesma área ora como a Bética, ora como Chipre. Embora o papiro venha merecendo destacada divulgação, creio dever apoiar a posição crítica de Luciano Canfora e reconhecer na falsificação a intenção inicial de unir o helenismo grego e bizantino.

Especialmente interessante para os investigadores nacionais é o artigo de Albadalejo Vivero, *Acerca del contorno costero de la Iberia de Artemidoro*. Defrontamo-nos de novo com os problemas suscitados pelo famigerado papiro, neste caso a representação do litoral ibérico. O autor sublinha as discrepâncias entre os dados do papiro e as fontes geográficas posteriores, nítidas e graves. Refere a importância atribuída a *Tarraco*, difícil para a cronologia atribuída ao papiro, sugerindo uma projeção no passado do estatuto político posterior atingido pela cidade. Na costa algarvia as posições de *Ipsa* (Ipses) e *Kilibe* (Cilpes são aberrantes e a referência a *Salacia* (Alcácer do Sal) já sob este topónimo parece impossível, admitindo que lhe foi atribuído por Sexto Pompeio, o que creio ser um dado adquirido<sup>5</sup>. Assim, tudo se conjuga para que a autenticidade do Papiro de Artemidoro seja mais que discutível.

O artigo seguinte, de Francesco Frontera, *Geografia tardo-ellenistica. La lista delle satrapie in Diodoro XVIII, 5-6*, permite considerar um caso interessante de introdução geográfica a um discurso histórico, neste caso as lutas que opuseram os sucessores de Alexandre, sublinhando a conveniente união entre geografia e história. O autor considera que Diodoro utilizou uma fonte tardia, provavelmente posterior à paz de Apameia (188 a.C.), que afirmou a República Romana perante os Selêucidas. Diodoro delineou um quadro da geografia asiática posterior a Eratóstenes, organizando as

---

<sup>4</sup> Personagem do século XVIII que Simonidis fez convenientemente remontar ao século XV-XVI.

<sup>5</sup> Vasco Mantas, *Atlântico e Mediterrâneo nos portos romanos do Sado*, Revista Portuguesa de História, 41, 2010: 211-213.

regiões de acordo com a posição reputada para as mesmas, organizando-as de forma contígua de acordo com o conceito de climas.

Segue-se um artigo de González Ponce, também um dos editores do volume em apreciação, intitulado *Estrabón y su manejo de la periplografía griega*. O autor considera que o geógrafo de Amásia recorreu preferencialmente a fontes verbais e não cartográficas, reputando pouco fiáveis as fontes periplográficas. Apesar de tudo, não há dúvidas quanto ao facto de as ter utilizado, e em larga escala, como se verifica facilmente no gráfico 1 (p.162). Curiosa é a postura de Estrabão a propósito do valor “científico” de Homero, que aceita, contrariando também neste ponto as posições de Eratóstenes. No fundo, além dos aspetos científicos e literários envolvidos, julgo que esta atitude resulta da tradicional oposição entre Alexandria e Pérgamo, que no início do século I não seria só cultural, mantendo o eco de rivalidades políticas anteriores, aspeto que mereceria, creio, mais atenção.

Cruz Andreotti analisa, no seu artigo *Etnias e identidades antigas. Hacia el cambio del paradigma esencialista*, o complicado problema do estabelecimento da origem dos povos a partir das fontes geográficas antigas, largamente utilizadas, ontem como hoje, nos debates identitários. Posso resumir o conceito habitual na fórmula simplista *uma língua, um território, um povo*. Debate antigo, no qual, inevitavelmente os historiadores se veem envolvidos. O autor, sublinhando as dificuldades da utilização da geografia antiga, desenvolve o exemplo de Tartesso, que a tradição localizava para lá da Ibéria, até se lhe atribuir o resultado do esquema Tartesso-Turdetânia-Bética-Andaluzia. Considerando o valor que a cultura material tem assumido neste velho debate, persiste o conceito germânico de *Kulturkreis*<sup>6</sup>, dou como exemplo das dificuldades que justificam as reticências do autor, a impossível distinção entre Lusitanos e Túrdulos através de dados arqueológicos ou mesmo onomásticos, na época romana.

Pierre Moret ocupou-se em *De Pline à Agrippa. Le chemin détourné d'une carte virtuelle* dos dados geográficos transmitidos por Plínio-o-Velho nos livros III, IV e VI. Desde logo se verifica a importância deste artigo para o estudo da geografia antiga do Ocidente, sobretudo da Hispânia, procurando o autor restituir uma carta a partir desses dados, envolvendo na discussão o Mapa de Agripa e a sua possível influência na obra do naturalista, que não refere mapas. O estudo apresentado

---

<sup>6</sup> Conceito difusionista definido por Leo Frobenius e largamente utilizado por investigadores como Fritz Gräbner e Gustaf Kossina.

confirma a larga utilização de distâncias itinerárias por Plínio, o que, para o litoral ocidental lusitano me parece menos seguro. Por exemplo, a distância entre *Olisipo-Aeminium-Tude*, por estrada, corresponde sem problemas ao valor indicado por Plínio, ainda que encontremos a mesma discrepância litoral existente em Ptolomeu. Devo chamar a atenção para um ponto interessante da restituição proposta por Moret (p.205-206), na qual o *Promunturium Sacrum* (Cabo de São Vicente) deixa de ser o ponto extremo da Europa, como os autores antigos pretendiam. Mais difícil de compreender, uma vez que Plínio conhecia a Hispânia, é a confusão *Artabum-Magnum-Olisiponensis*, que Moret explica pela valorização de fontes não cartográficas.

O artigo seguinte, *Por el río y por el mar, tal vez incluso por tierra*, redigido por Stefano Belfiore, leva-nos até à Índia, propondo o autor, apoiado na geomorfologia da região e nos dados da Tábua de Peutinger, retomar a versão do Périplo do Mar Eritreu, na secção 54, anterior à edição Müller. Belfiore desenvolve uma crítica exaustiva das fontes disponíveis para a região de *Muziris* (Pattanam), incluindo Plínio e Ptolomeu, cujos resultados sugerem uma aceitável representação da Índia meridional na Tábua de Peutinger. Julgo que outro aspeto importante deste artigo é o de chamar a atenção para a recorrente utilização de vias marítimas, fluviais e terrestre numa mesma viagem e para o valor do comércio romano com a Índia e seu impacte nos conhecimentos geográficos da época.

Klaus Geus assinou o artigo *Paradoxography and geography in Antiquity. Some thoughts about the Paradoxographus Vaticanus*, no qual trata de *mirabilia* ou *admiranda* presentes na literatura antiga e em parte transmitidos a épocas posteriores, analisando o texto do documento vaticano. O autor constata um claro princípio geográfico na sua organização, através da qual foram apresentados os diversos tópicos (animais, água e costumes), atribuídos concretamente a um determinado espaço como se tratasse de uma viagem, na linha do conceito hodológico do Prof. Janni, resultando num contributo pertinente para o problema da cultura do maravilhoso e sua receção.

Patrick Counillon trata, sob o título *La Périégèse de Denys d'Alexandrie. Langue géographique e poésie*, da adaptação da poesia épica à linguagem científica da época, o século II, através da recuperação das técnicas de composição oral. Uma geografia erudita que representa uma carta mental da *oikoumene*, usando da liberdade poética sem deixar representar ciência, apesar da geometrização do espaço, de imagens

flutuantes e de uma imprecisão consentida, se não procurada, como no caso da localização de *Gades*, ilha no Estreito de Gibraltar, o que só poderia ser admitido numa obra deste tipo, constituída por um extenso catálogo de sítios e de povos, que pretende suscitar imagens e com elas criar um mapa geográfico. Não o fizeram também Camões e Pessoa ao aludirem à posição geográfica de Portugal?

Jehan Desanges trata, com algum humorismo bem-vindo numa obra deste tipo, e sob o título *Remarques sur les notions de "Haut" et de "Bas" dans la géographie antique de l'Afrique*, de uma questão que, por vezes, complica a interpretação de certas referências geográficas. O autor sublinha que o ponto de partida para a interpretação de um ou de outro destes termos se relaciona em primeiro lugar com o ponto a partir do qual se toma a referência, quase sempre a partir da costa ou de uma cidade importante, o que também implica considerar a orientação dos mapas. Desanges apresenta numerosos exemplos, entre os quais o da Líbia Superior, atribuída à Diocese do Oriente, devendo tal classificação devido à distância a que se situava de Antióquia. Interrogo-me, porém, se não teriam sido os fatores culturais da região a determinar esta ligação, respeitando uma realidade anterior, reconhecida no século passado pela administração italiana, ao construir no limite entre a Tripolitânia e a Cirenaica o *Arco dei Fileni*, hoje destruído, como tantas outras memórias do passado, na trágica Líbia contemporânea.

Hans-Joachim Gercke apresenta um sólido artigo, *Meilenstein ausdrück Römischer Herrschaft und Römischer Rumauffassung*, analisando a função dos miliários na construção de um espaço largamente definido através de uma teia de vias e de monumentos, numa autêntica estrutura hodológica. O autor, como outros antes, destaca o reflexo nos miliários dos valores políticos romanos, da sua superioridade assumida e da exaltação do triunfo sobre a natureza. Dá exemplos de alguns textos epigráficos, referindo também a menos vulgar denominação das vias, sobretudo na época imperial. Algumas delas, pelo seu valor político simbólico, caso da *Via Augusta* e da *Via Traiana*, nos limites ocidental (*Oceanum*) e oriental do Império (*Sinus Arabicus*), encontram-se neste caso. Recordo que a criação de um espaço humanizado, construído através de marcas perceptíveis nas estradas, foi a seu tempo evocada no poema do alemão Christian Morgenstern<sup>7</sup>, precursor insuspeito do Prof. Janni.

---

<sup>7</sup> Christian Morgenstern, *Der Meilenstein*, in René Lasne (coord.), *Anthologie bilingue de la poésie allemande*, 2, Verviers, 1967: 168.



Richard Talbert volta, no seu artigo *Claudius' use of a map in the Roman Senate* à questão da existência de mapas, nomeadamente ilustrando regiões restritas. É um texto inteligente, tentando reconstruir o ambiente do discurso de Cláudio a favor da pretensão gaulesa de acesso ao Senado. O autor sugere a existência de mapas com alguma dimensão, alguns tendo talvez como suporte tapeçarias, suscetíveis de sustentar, como neste caso, a exposição do orador. Talbert situa o discurso imperial na *Curia Iulia*, calculando até a distância a que ficariam os auditores mais afastados. Ocorre-me perguntar, considerando a importância do caso e o número previsível de senadores presentes, se o discurso não teria sido pronunciado no Templo da Concórdia. Seja com for, trata-se de um estimulante artigo.

O último contributo no volume é de Daniela Dueck e intitula-se *Travelling Literature alphabetically. Literary Hodology in Giovanni Boccaccio*. Estamos agora no mundo multifacetado da receção da cultura clássica. Como a autora refere, Boccaccio elaborou um livro de referências, sob a forma de catálogo geográfico, para leitores dos clássicos, atualizando-o, num ou noutro caso. Este tipo de obras teve grande difusão durante séculos e muitos estudantes de *Os Lusíadas* devem recordar os glossários destinados a esclarecer o leitor sobre tópicos da Antiguidade. A autora alude com pertinência ao Mapa de Agripa e sugere, como Kai Brodersen anteriormente<sup>8</sup>, que o mapa seria, afinal, uma grande inscrição com a enumeração de povos e cidades, o que, considerando o possível modelo do *Milliarium Aureum*, me parece merecer reflexão.

O problema da representação geográfica é central na obra, sobretudo se privilegiarmos o caminho como princípio da construção de um mapa mental em que a representação do espaço obedeça ao que posso chamar de geometria variável, menos preocupada com a escala e a orientação. Permito-me recorrer a uma experiência que julgo ilustrar bem o problema. Em África, quando os mapas eram pouco explícitos e os fotogramas aéreos se limitavam a mostrar o curso de rios e arvoredo cerrado, o que me interessava era calcular o tempo de marcha entre A e B, indicador real do espaço a vencer, mais importante que a escala da foto ou da carta. Por isso mesmo, em mapas do século XIX é vulgar encontrar a indicação do

---

<sup>8</sup> Kai Brodersen, *Terra Cognita. Studien zur römischen Raumerfassung*, 2, Hildsheim-Nova Iorque, 2003: 268-285.

tempo necessário para cumprir o caminho. Desta forma compreende-se melhor o princípio hodológico e o conceito de mapa mental desenvolvidos por Janni e seguido por numerosos investigadores, que não hesitam em inserir a sociologia e a psicologia no estudo da geografia e da cartografia, tão necessárias, elas próprias, ao estudo da história, como bem se depreende nesta justa homenagem.

VASCO GIL MANTAS

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

vsmantas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6109-4958>

[https://doi.org/10.14195/2183-1718\\_72\\_9](https://doi.org/10.14195/2183-1718_72_9)

SOARES, M. T. M., *História e ficção em Paul Ricoeur e Tucídides*, Coimbra, IUC, 2016, 641 pp. ISBN: Digital 978-989-26-1296-6<sup>1</sup>.

Recensão submetida a 18-10-2017 e aprovada a 21-01-2018

De entre os muitos feitos notáveis que se podem encontrar nessa obra monumental de rara fecundidade, destaca-se um que nos dias atuais beira o inimaginável: o de contribuir, com propriedade e igual densidade, com três campos tão distintos e específicos como sejam o dos estudos filosóficos, literários e historiográficos, assim cumprindo à risca o que se pode entrever no título. Resultado da tese de doutoramento do autor, defendida em 2011 (FLUC) e publicada pela primeira vez em 2013 (publicação esta reproduzida na edição online ora recenseada), o livro aprofunda problemáticas já trabalhadas em sua tese de mestrado (*Tempo, mythos e praxis. O diálogo entre Ricoeur, Agostinho e Aristóteles*, 2013) e define um novo marco referencial tanto para os estudos sobre P. Ricoeur quanto para os dedicados a Tucídides, a começar pela ousadia mesma de explorar o fértil diálogo entre filosofia e historiografia em sua mútua iluminação – algo que o autor consegue com peculiar virtuosismo, assim descortinando para a lusofonia

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.